

PRODUÇÃO CULTURAL CONTEMPORÂNEA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS¹

Isabela Marassi (Universidade Federal do Paraná-UFPR²)

Resumo: este trabalho discute as relações entre produção cultural contemporânea e comunidades quilombolas. Para isto, apresenta informações sociais, econômicas e ambientais dos quilombos do Vale do Ribeira - SP, bem como as interseções entre as comunidades adentradas a região paulista da Mata Atlântica e uma teia de mecanismos e processos urbanos globalizados, potencial da formação da cultura contemporânea quilombola, demonstrando a possível heterogeneidade de estilos dentro das comunidades, sem que estas possam perder sua significação compartilhada. Para o tema proposto, este trabalho aborda, especialmente, as obras de Ulrich Beck e Antony Giddens, dois sociólogos, que tratam a questão da *modernidade reflexiva* e ajudam a pensar sobre riscos sociais, decisões e opiniões formuladas no cotidiano, de forma individual e coletiva. O estudo proposto é apreendido por meio dos procedimentos da pesquisa, que visa, sobretudo, análise bibliográfica de 14 comunidades quilombolas, localizadas na região norte do Vale, e a compreensão de sua potencial produção cultural, através de uma abordagem qualitativa.

Palavras - chave: produção cultural, comunidades quilombolas, sistemas especialistas

O cenário são as comunidades de descendentes de escravos do Vale do Ribeira - São Paulo. O ponto de partida do que se pretende aqui discutir diz respeito a um projeto mais amplo, em andamento, que trás à luz das discussões a incorporação da ciência, tecnologia, e conhecimento especializado (os sistemas especialistas), no cotidiano da vida comunitária, a formar as orientações valorativas dos quilombolas. O objeto teórico em discussão é a relação entre a incorporação dos sistemas especialistas e a formação de valores culturais, cognitivos, individual e coletivo, tratando assim as convergências entre as teorias da reflexividade, cujos principais autores são Giddens e Beck. A pesquisa aborda, ainda, a possibilidade de que, por causa da diversidade de estilos promovidos pela cultura contemporânea, a diversidade de estilos contemporâneos (acerca da possível valorização da ciência, tecnologia) estejam intencificando valores de mutualidade, solidariedade, propícios à formação dos movimentos sociais, sendo esta estratégia cultural para manter, sem muitas rasuras, as significações compartilhadas³ - aspectos, estes, importantes para a formação de movimentos sociais,

¹ V ENADIR, GT. 08 - Festejos, rituais e a salvaguarda de direitos culturais.

² O trabalho apresentado é parte de pesquisa de doutorado, mais ampla, em andamento.

³ Significações compartilhadas querem dizer: "a comunidade em qualquer sentido substancial, precisa ser "mundial". Deve ser enraizada em significações compartilhadas e em práticas estabelecidas. Estas práticas têm seu próprio télos específico. Estas práticas envolvem outros seres humanos. E também envolvem coisas que não são "objetos", mas Zeuge, no sentido de Heidegger - isto é ferramenta, "engrenagens", incluindo a linguagem e os instrumentos informacionais entre os quais habitamos e aos quais tanto nos dedicamos. No "nós", as atividades do dia a dia estão envolvidas na obtenção rotineira da significação; estão envolvidas na produção de bens substantivos, que em si são também significações. Embora as atividades sejam guiadas por esses bens substantivos cujos critérios são fixados internamente por uma dada prática, esta orientação não é determinada por regras, mas pelo exemplo dessas práticas presentes e tradicionais" (Scott Lasch, 2012:229-230).

segundo Albert Melucci (1996). O objeto teórico volta-se para um campo empírico específico: comunidades étnicas e a produção cultural, individual e coletiva, em jovens, adultos e idosos. O alcance da tecnologia, da ciência, da informação, a influência dos saberes, dos gostos, de um mundo urbanizado é pungente - quiçá para mais ou para menos -, cabe desvendar esta influência.

Comunidades quilombolas conhecemos a cena: elas são exigidas enquanto tal, ou seja, onde a tradição encontra seus mais sólidos ancoradouros, pouco produtoras de desordem e capazes de opor resistência à história (às mudanças); isso se quiser ser legitimada pelo Estado enquanto comunidade étnica. Contudo, a influência da heterogeneidade de estilos parece inevitável dentro das comunidades, e se é inevitável a influência dos contatos com programas do governo, sistemas bancários, meios de comunicação e informação (para citar alguns), o que faz com que todos estejam atravessados por uma rede infindável de relações, capazes de criar valores culturais, conquanto, também parece inevitável que os próprios quilombos pensem estratégias para evitar que diversidades, em um ponto elevado, provoquem rupturas.

Neste sentido, qual a influência da ciência e tecnologia sobre o curso da vida comunitária quilombola? Valores que surgem a partir da incorporação destes sistemas na vida cotidiana remetem, do ponto de vista dos grupos étnicos a uma situação de dúvida sobre a ciência, frente aos impasses da modernização, ou inseguranças geradas pelas transformações sociais são enfrentadas pela aceitação e incorporação destes sistemas? A análise destes mecanismos e procedimentos expõe a produção cultural no sentido de repensá-la como esfera pública de formação da vontade democrática e racional, frente as dimensões processuais de existência de grupos étnicos e a crescente influência moderna sobre o curso da vida social destes grupos, especialmente: sem sucumbi-los. Trata-se da possível assunção da ciência e tecnologia como sendo prática legítima de povos tradicionais, cuja utilização destes mecanismos não implica na extinção da comunidade.

Estes questionamentos são importantes porque podem dimensionar a produção da cultura aos sistemas especialistas, e envolver a ciência, a tecnologia, o conhecimento de especialistas, como instâncias vitais na legitimação da cultura étnica, a fim de exercer grande influência sobre a crença que a comunidade tem na continuidade de sua auto-identidade, na constância dos ambientes da ação social e material. A produção cultural contemporânea pode eleger-se como instância vital na legitimação destas comunidades, como potencial para investimentos sociais e recursos de desenvolvimento, como instrumentos de luta de efeitos políticos progressivos, como dinamizadores das demandas comunitárias.

Produção cultural é entendida aqui sob uma perspectiva cognitiva, produção subjetiva de valores⁴, que pode vir a ser ações para mobilização coletiva. Trata-se, portanto, da cultura, apreendida especialmente sob orientações valorativas, sob o aspecto da psicologia cognitiva, ou seja, modelos mentais compartilhados e usados para perceber, processar e armazenar informações potencialmente voltadas para formação, não apenas de estilos, como também de movimentos sociais. Nessa linha, fala-se da formação de *frames* individuais, ou seja, quadros interpretativos que simplificam e condensam o mundo exterior, destacando, codificando e selecionando objetos, situações, acontecimentos, experiências, seqüências de ações, que reduzem a complexidade social a níveis manejáveis pelo indivíduo comum, e sinaliza injustiças de uma dada situação, vinculando-a a símbolos e apresentando-a como um problema que sugere ação coletiva, intencional (ALONSO, 2009). Parte-se do pressuposto de que os sistemas especialistas modernos se impregnam nas experiências da vida cotidiana comunitária e criam *uma heterogeneidade* de estilos culturais⁵, capaz de sobreviver e harmonizar-se em um ambiente condicionado a manter viva a tradição, porque se converge, esta heterogeneidade, na formação de ação coletiva, pacífica, não fruto de uma crise, mas contínua, não especialmente contra o Estado, mas a favor da legitimação dos costumes⁶.

A produção contemporânea da cultural se opõe a produção cultural tradicional, tais quais, o folclore, os ritos, as danças, a gastronomia, a arte, as crenças e valores que surgem a

⁴ Valores significam preferências coletivas que aparecem num contexto institucionalizado e, pela maneira como se formam, contribuem para sua regulação (Dicionário Crítico de Sociologia, Boudon & Bourricaud, 1993).

⁵Heterogeneidade de estilos é pensada a partir da incorporação dos sistemas especialistas e a produção de valores muito diversificados, influenciados por estes sistemas. Trata-se da incorporação deste sistemas e, a partir disso, da crença na ciência, tecnologia, conhecimentos especializados, de onde emerge uma multiplicidade de valores culturais que não estão necessariamente vinculados a tradição, mas inspirados em campanhas atuais como por exemplo feminismo, meio ambiente, racismo, e que têm se transformado em um valor quilombola. Neste sentido, algo muito diferente da homogeneidade de estilo cultural, marcada pela tradição, onde saberes ancestrais sobre plantas, curas, religião, culinária, que permeiam o espaço e produzem comportamentos mais parecidos, em um universo mais homogêneo.

⁶ Quanto mais a cultura mostra-se expressiva na comunidade, mais potencialmente objeto de luta ela se torna. Neste sentido, tanto pode haver a pluralidade de valores, onde a tradição soma-se às representações sobre importância ambiental, feminista, racial, sexual - uma heterogeneidade de estilos - personificadas na arte e no espírito, de maneira multicultural; quanto a expressiva manifestação da tradição, enraizada - homogeneidade dos valores - também personificadas na arte e no espírito. Se expressiva a cultura, ela pode estar sendo assimilada para ação coletiva. O contrário, onde a cultura é pouco expressiva dentro das comunidades, pressupõe-se um universo potencialmente voltado aos conflitos sociais e a luta pela questão normativa. O presente trabalho sugere a verificação do que denomina-se aqui como sendo "a modernização cultural em comunidades étnicas", ou seja, a capacidade de manter certa pluralidade de valores que impeçam sua ruptura e dominação. Dito de outra forma, trata-se da necessidade de avaliar a produção cultural comunitária, sob os aspectos valorativos, objetivados em crenças, estilos, músicas, danças, que não estejam necessariamente vinculados à tradição, mas inspirados em campanhas globais, como feminismo, meio ambiente, racismo, e que se têm transformado em valor quilombola. Estes elementos, quando expressivos, são potencialmente luta social. A multiplicidade destes elementos associados aos valores globais, capazes de conviver sem promover rupturas, é o que denomina-se aqui de modernização cultural.

partir destas práticas, resquícios do período escravocrata no Brasil, no sentido de que a cultura contemporânea são os efeitos valorativos (com reflexos comportamentais) produzidos a partir do contato que se tem com os sistemas especialistas, próprios da contemporaneidade, que abarca ciência, tecnologia, conhecimento especializado, e provoca diversidade de estilos. Interroga-se sobre mecanismos e processos culturais que dinamizam a reprodução social comunitária, consciente e intencional; em ambientes condicionados à permanência da tradição, historicamente constituída, e onde a produção de significados compartilhados é condição para a existência do lugar, onde é maior a mediação entre as pessoas e sua etnia original.

Cultural a partir da tradição étnica é pilar de sustentação do lugar. A tradição étnica é cultura imprescindível e indiscutível, pois, como escreve Antônio Cândido (2010) no livro *Os Parceiros do Rio Bonito*, sem tradição, as comunidades tradicionais deixam de existir. Neste sentido, a tradição ao descompasso de tempos longínquos, reconhecemos: pode revigorar-se, modernizar-se, transmutar-se, mas fica proibida extinguir-se da memória coletiva, sob o risco de perder a identidade social. Não há impasse sobre o reconhecimento desta premissa, bem como não há intenção aqui, de negar a cultura tradicional depois da incorporação da ciência.

O que merece uma interrogação mais detida é o lugar de importância que ocupa a produção cultural contemporânea para a reprodução social do lugar. São as novas produções culturais associadas ao universo contemporâneo e urbanizado e a medida em que cada comunidade quilombola pode introduzir rupturas com a tradição e tornar-se criadora de diferenças, mas sem perder suas significações compartilhadas; a capacidade que as comunidades têm de manter certa pluralidade de valores culturais que impeçam sua ruptura e dominação⁷.

⁷ O assunto aqui abordado trata de um campo de pesquisa e uma perspectiva de análise que podem ser encontrados com variações importantes entre os autores. Dentre os estudos realizados, existem aqueles que sinalizam o fim das comunidades (ou sua descaracterização), conforme o avanço da modernidade. Burke (1989), é um dos expoentes deste pensamento. Ao estudar cultura popular na idade moderna, ele conclui que por causa do avanço da modernização haveria, progressiva e inevitavelmente, a perda da cultura popular e o fim das comunidades tradicionais, uma vez que a tradição render-se-ia às formas modernas de existência. Uma outra linha de pensamento argumenta sobre a importância dos conceitos de "territorialização" e "etnogênese" para compreensão dos grupos étnicos. Territorialização consiste considerar para estes grupos a construção de uma identidade étnica personalizada, onde cada grupo faz uma reconstrução do seu território e saberes, reinventando sua tradição a partir de representações contemporâneas (nestes casos grupos indígenas, por exemplo, fazem um renascimento de suas práticas, a partir de interpretações modernas, mas sem perder de vista sua tradição). Processos de etnogêneses significam considerar grupos étnicos, de surgimento mais recente, que se consideram e são considerados como "originários". Neste caso, são grupos integrados ao meio regional que vão perdendo progressivamente seus elementos tradicionais, originários. Estudos que abordam ambos os conceitos foram feitos por José Maurício Arruti (2006), quem expõe os laudos periciais e as demandas jurídico-administrativas dos processos de reconhecimento de comunidades étnicas, frente a inexistência de uma pauta verdadeiramente antropológica, nestes processos. O conceito de hibridismo cultural, um termo cunhado por Canclini (2003),

A cultura tem grande visibilidade no mundo contemporâneo⁸ participando ativamente dos processos reflexivos da sociedade de risco. A modernidade reflexiva, processo em curso, surge dos efeitos colaterais e das ameaças cumulativamente produzidas pela sociedade industrial e significa, segundo Beck (2012), o autoconfronto com os efeitos da sociedade de risco que não puderam ser tratados e assimilados no sistema industrial. Neste sentido, Beck e Giddens problematizam sobre "o que acontece quando a modernidade, lúcida de seus excessos, começa a se assumir como objeto de reflexão?" (2012:171). A resposta é a autorreflexividade enquanto desenvolvimento imanente do próprio processo de modernização, pré-requisito para mais desenvolvimento econômico, social, político, uma vez que os indivíduos (menos controlados pela tradição) estão cada vez mais livres para refletirem às conseqüências da modernização.

No contexto atual uma teia de "sistemas especialistas" coloca em prática a "reflexividade", onde os riscos sociais (sempre uma construção capaz de despertar reflexividade) ameaçam os limites de segurança dos indivíduos e das instituições. A modernização reflexiva, conforme Beck e Giddens (2012), requer a contínua reflexividade no sentido de que as "*práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter*" (Giddens, 1991: 45).

Os perigos potenciais que rondam as comunidades de remanescentes de escravos é uma construção cognitiva e social. Porém, não deixa de relacionar a questão de sua legitimidade, visibilidade e importância frente, principalmente, ao poder público, bem como ao fato de que aqueles que residem nas comunidades étnicas são conscientes das ameaças de estarem fora destes ambientes. Giddens (1991) trata da minimização da insegurança ontológica, a qual leva a busca de maneiras para enfrentar as ameaças, não tanto ambientais, mas psíquicas e sociais, e continuar mantendo níveis relativos de ordem e estabilidade em

remete aos estudos dos fenômenos de misturas interculturais, a cultura popular produzida sob o controle de empresas transnacionais e a crescente desterritorialização dos patrimônios culturais. Javier Lifschitz (2009), ao falar da relação entre tradição e modernidade em comunidades étnicas, aborda a questão sobre agentes externos, como Ong's, mídias, que promovem a reconstrução simbólica e material de territórios comunitários e saberes tradicionais, através de técnicas e dispositivos modernos. Seus estudos tratam de processos de revigoração de comunidades tradicionais, recriação da tradição através de agentes modernos, para fins de desenvolver apresentações culturais e turismo, fenômeno o qual ele denomina de Neocomunidades.

⁸ Os estudos culturais ganham relevo em um momento no qual o capitalismo atravessa sua fase cultural, depois de ter explorado seus termos nas fases industrial e financeira, e experimenta novas tentativas de política econômica, sobretudo, a criação de valor econômico a partir da efetivação da produção cultural, na qual a cultura comunitária transforma-se em potencial recurso para o desenvolvimento. O momento atual revela, ainda, grupos ativistas que, por meio das manifestações culturais em uma ação coordenada, conseguem ver reconhecidas suas demandas.

nossa personalidade, refletidos na sociedade. Segurança ontológica descrita pelo autor refere-se a crença que a maioria dos seres humanos tem na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes da ação social e material, circundantes. Trata-se de uma sensação de fidedignidade das pessoas, tão fundamental à noção de confiança.

Comunidades quilombolas, na maioria das vezes esquecidas pelo poder público, expõem basicamente a dinâmica deste autoconfronto, expõem momentos de rupturas potenciais que ameaçam os limites reais de segurança dos indivíduos e instituições, pressupõe este procedimento de intervenção crítica sobre o mundo, a partir do cultivo de uma subjetividade que se pretende autônoma frente a um mundo que se torna cada vez menos confiável, uma vez o Estado não garante o atendimento das demandas quilombolas. Diante disso, a reflexão constante sobre a renovação cultural se mostra oportuna.

Os mecanismos que põem em prática a reflexividade comunitária, cabe pensar a respeito do variado grau de contato que os quilombolas mantêm com os sistemas especialistas e suas incorporações. Especificamente, práticas profissionais e de outros especialistas, instituições, especialização objetivada em máquinas, mecanismos monetários, que possuem uma densidade notável nos polos urbanos, se expandem (para mais ou para menos) às regiões mais ou menos afastadas das comunidades étnicas e podem impregnar a experiência da vida cotidiana, os estilos de vida, a esfera do trabalho; uma vez que estes sistemas mostram-se potenciais dinamizadores da vida social, cabendo aos quilombolas à decisão objetiva e subjetiva a respeito de suas incorporações. Neste sentido, podemos imaginar a construção de possíveis realidades. Uma primeira delas, seria a comunidade, de modo geral, duvidando da própria ciência, já que a racionalidade científica é incapaz de conter o fluxo incessante de novas ameaças e riscos, cuja busca de alternativas para o autoconfronto com as ameaças sociais e psíquicas finda a própria tradição, a religião, os rituais, os folclores, à guisa de contrapor a racionalidade científica. Uma segunda realidade possível seria os estilos de vida quilombolas, de certo modo, comprometidos com os referenciais científicos e tecnológicos, onde os sistemas especialistas tornam-se fonte de segurança, no sentido de reparar as quebras nas rotinas de segurança, provocadas pelas transformações sociais e suas rupturas de estruturas tradicionais. Embora apresentados aqui como sendo dois universos delimitados, suas imbricações são também possíveis.

Tais investigações se dão em um plano de percepção sobre o cotidiano, onde decisões e opiniões acontecem e os mecanismos de reflexividade individual entram em ação na busca de confiança na sua continuidade, na sua auto-identidade, e procura compreender, resumidamente: à medida que estes recursos são expressivos e legitimados dentro do

ambiente comunitário; a medida em que são elementos produtores de significados, estilos, comportamentos, socialmente aceitos dentro da comunidade; a decisão consensual e estratégica de utilizar estes recursos enquanto um ato ideológico, não coercitivo, pela afirmação da cultura quilombola.

Embora as comunidades sejam historicamente esquecidas pelo poder público e sujeitas ao declínio de seu patrimônio material e imaterial, o fato é que elas continuam resistindo ao tempo, como apontam estudos socioambientais, e são parte significativa do patrimônio cultural brasileiro.

Posto de observação: comunidades quilombolas e suas mobilidades laterais

As formações dos quilombos são resultados da resistência à escravidão, onde desde o início os negros refugiavam-se na mata, formando os quilombos. Os primeiros negros trazidos ao Brasil vinham de várias regiões da África, onde grupos de culturas diversas eram capturados e enviados ao tráfico negreiro - história já conhecida por muitos⁹. O Vale do Ribeira é a região do Estado de São Paulo onde se encontra a maior parte das comunidades quilombolas, conforme aponta a Agenda Socioambiental (2008)¹⁰. O motivo é por ser a região um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica do Brasil, onde se abrigam, além de quilombos, também comunidades dos povos tradicionais, indígenas, caiçaras e agricultores familiares¹¹.

Atualmente, a definição de comunidade quilombola, segundo a Agenda Socioambiental (2008), é comunidade negra rural, habitada por descendentes de africanos escravizados, com laços de parentescos, que vivem da agricultura de subsistência, em terras doadas, compradas ou secularmente ocupadas por seus antepassados; os quais mantêm suas tradições culturais e as vivenciam no presente com suas histórias e seu código de ética, que são transmitidos oralmente de geração em geração. A palavra quilombo é originária do idioma africano *quimbundo*, que significa o mesmo que sociedade formada por jovens guerreiros que

⁹ Ver Fausto (1995), Albuquerque (2006).

¹⁰ O Estado de São Paulo possui 85 comunidades quilombolas. Dentre estas, 59 ficam na porção paulista do Vale do Ribeira. Dentre as comunidades do Vale (paulista), 16 foram reconhecidas (Agenda Socioambiental, 2008).

¹¹ Segundo a Agenda Socioambiental (2008), situações de ameaças sofridas pelos quilombolas surgem das disputas pelas terras com fazendeiros e meeiros, onde (por causa da disputa) morre-se e deixam-se morrer. Também, existem conflitos de sobreposição entre territórios tradicionais destas populações com parques estaduais e áreas protegidas. Setores da igreja católica incentivavam as organizações quilombolas, para que permaneçam em suas.

pertencem a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades. A questão quilombola foi inserida no cenário da política nacional com a Constituição Federal de 1988, que instituiu em seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias o artigo 68: "aos Remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os respectivos títulos". A constituição reconhece, ainda, em seus artigos 215 e 216, a proteção às manifestações culturais afro-brasileiras e o reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro, no qual se inclui o tombamento de documentos e sítios detentores de reminiscências históricas de antigos quilombos¹².

O processo de titulação da propriedade quilombola conta, então, com o reconhecimento de seus costumes e tradições herdadas dos antepassados. Neste sentido, para serem reconhecidas pelo Estado, ter a posse de terras e acesso à programas sociais específicos, as comunidades devem, invariavelmente, comprovar sua tradição. A partir daqui, surge uma contradição, um lastro entre o que determina a legislação referente ao uso da tradição para comprovação da cultura étnica e legitimidade quilombola; e o que de fato acontece na vida cultural, cotidiana, das comunidades.

Conforme dados do ITESP, até 2007 foram reconhecidas no Estado de São Paulo 21 comunidades de descendentes de escravos, das quais 15 estão localizadas no Vale do Ribeira, e destas, 06 foram tituladas. Outras 10 se encontram em fase de reconhecimento. São ao todo 59 as comunidades existentes na porção paulista do Vale.

Dentre as 14 comunidades investigadas para este trabalho, foram contabilizadas uma população de 1.928 pessoas. A maior parte da população levantada possui menos de 30 anos de idade (em torno de 62 %), e apenas 36,5 % possuem acima de 30 anos, o que configura uma população majoritariamente jovem. Dentre as comunidades (ao todo 14, nominadas Mandira, Poças, Cangume, São Pedro, para citar algumas), existem as mais populosas, como por exemplo Ivaporunduva (312 pessoas), e menos populosas, Porto Velho (175 pessoas). Os quilombos mais populosos costumam ter melhor infra-estrutura. Em termos de infra-estrutura, refere-se principalmente ao acesso às políticas públicas, e neste sentido, viabilização de energia, abastecimento de água, saneamento básico, postos de saúde e escolas na própria comunidade, políticas habitacionais, programas de assistência social. Não podemos esquecer que a população quilombola (como demonstra a própria Agenda Socioambiental, 2008) vive em condição de pobreza, e necessita do atendimento do Estado. Neste sentido, o que melhora e diferencia a qualidade de vida, entre as comunidades, é o maior e melhor acesso a estas

¹² Ver Arruti (2006).

políticas. Vale dizer, quanto maior o engajamento das comunidades com movimentos de luta por direitos quilombolas, melhor a oferta de infra-estrutura dentro das comunidades¹³.

Retomando o objeto de análise e pensando a produção cultural do lugar (que precisa manter a tradição étnica): qual a importância que tem o programa de habitação, do governo, em relação à arquitetura comunitária; os sistemas abstratos, tecnológicos, em relação a uma rede interna solidária; a valorização da educação escolar em relação aos saberes e aprendizados do local; as orientações nutricionais quanto à obesidade, em relação aos hábitos alimentares, históricos; entre outros? Como este potencial universo de criação de valores culturais se harmoniza em ambientes condicionados, e resistem? Cabe a este trabalho demonstrar a existência deste universo potencial e permeável de valores culturais.

As condições socioambientais revelam as relações entre as comunidades e uma teia de sistemas especialistas que se desenham no ambiente comunitário. Embora ínfima, atualmente a média de acesso dos quilombolas às faculdades está entre 18 jovens e o pólo universitário é a cidade de Registro-SP. No que se refere às escolas da rede pública, ensino primário e fundamental, tanto os quilombolas quanto o poder público sinalizam as escolas como sendo ao alcance de todos, algumas localizadas nas próprias comunidades, outras mais distantes e dependentes de ônibus viabilizados pelas prefeituras mais próximas (cidades de Eldorado e Iguape, são polos). Contudo, estar ao alcance não significa necessariamente ter qualidade de acesso ao ensino.

A análise sobre o acesso às políticas públicas, tanto de saúde, educação, assistência social, quanto turismo e tecnologia, são talvez os primeiros indicativos de que nenhum quilombo sobrevive de forma isolada, ou desvinculado da influência do conhecimento científico, tecnológico ou especialista, e a teia de relações entre o Estado, empresas privadas e a população rural alcança as regiões mais distantes (embora melhore pouco ou quase nada sua qualidade de vida). Comunidades com identidades étnicas têm sido constantemente freqüentadas por pesquisadores, representantes de organizações não-governamentais, jornalistas, políticos, turistas e curiosos, gerando assim ambiências culturais permeadas pelos contatos externos¹⁴, ao mesmo tempo em que as próprias relações de trabalho e relações

¹³ Para mais detalhes, ver Isabela Marassi em anais do VIII Seminário Nacional de Sociologia e Política Direitos Humanos e Democracia, GT 5 - Sociologia e Políticas Públicas, evento realizado na Universidade Federal do Paraná, em Maio de 2017, sob o título Ideologia e Políticas Públicas ao Alcance das Comunidades.

¹⁴ Estudos sobre a aproximação das comunidades com o meio "externo" foram apontadas por Nestor Canclini desde a década de 1970, cujo enfoque foi o estudo sobre a interpenetração entre cultura popular, cultura de massa e mídia para a produção de bens culturais (1977). No início do século XXI o autor desenvolveu o conceito de hibridismo cultural, que trata das misturas interculturais modernas em condições de globalização e tem por base a análise de dois aspectos, sendo, primeiro, empresas transnacionais e seu controle sobre os processos de

sociais, sempre propícias, as quais as comunidades mantêm com as cidades, promovem aproximação¹⁵. Por mais diferente que seja o meio urbano e comunidades do meio rural, eles mantêm entre si relações de complementaridade, interdependência, também conflito, que se sobrepõe a sua diversidade estrutural. A globalização, tecnologia e informação, em sua capacidade de alcance atingem mesmo as regiões mais distantes, em que pese vazios e descontinuidades destes espaços.

Informações da Agenda (2008) dão conta de que o sustento das famílias quilombolas vem, sobretudo, dos benefícios e auxílios do governo, como bolsa-família, renda-cidadã, aposentadoria, o que coloca a população em experiências com sistemas bancários e tecnologia digital. Programas do governo se fazem necessários ao mesmo tempo em que coloca a população em um universo de práticas modernas de controle e administração de recursos, bem como informações que dizem respeito à identidade econômica, social e cultural. Programas de atendimento funcionam, tanto em sedes construídas na própria comunidade, como atendimento médico, inclusão digital, rede de ensino; quanto nas cidades próximas, o que obriga a população a estar permeada pelo centro cultural urbano e contemporâneo.

Atividades como artesanato e cultivo da terra perfazem 41 % da população quilombola, e parte destas pessoas recebem incentivos do governo, com maquinarias, por meio de financiamentos do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), o que denota que o tradicional cultivo da terra tem ficado para trás. A outra metade da população adulta e em idade laboral desenvolve ocupações exclusivamente nas cidades como funcionário público, diarista, costureira, pedreiro, o que faz com que as pessoas se desloquem diariamente tornando potencial a produção subjetiva de valores culturais, segundo a Agenda (2008).

O turismo é importante atividade econômica para as comunidades quilombolas. Visitas ocorrem na maioria das vezes em finais de semana e feriados, as excursões são tratadas com os líderes comunitários ou setor de turismo da prefeitura. Atrai milhares de visitantes anualmente e os turistas são recebidos pelos próprios quilombolas, que cumprem o roteiro das cachoeiras, comidas típicas, atrações de danças.

produção e circulação transculturais, e, segundo, a crescente desterritorialização da cultura. Seus estudos convergem para a hibridação coercitiva e heteronômia (2003).

¹⁵Em 2004 o então presidente Lula lançou o programa "Brasil Quilombola" envolvendo 17 ministérios e 05 secretarias especiais que, em parceria com A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, ampliou a orientação de políticas públicas para as comunidades quilombolas, potencializando ainda mais as imbricações entre as comunidades e os ambientes externos. Ainda, o processo de reconhecimento jurídico que as comunidades enfrentam, conforme o artigo 68 da Constituição Federal, o qual obriga o Estado a emitir título de propriedade aos quilombos, permitem aos quilombolas todo um universo de contatos com um sugestivo mundo urbano, para citar alguns exemplos das imbricações entre quilombos e meio urbano.

Estes são breves relatos das condições étnicas e encerra-se aqui a demonstração dos exemplos socioambientais, mas poderia ser extensa a lista que demonstra o universo de mediações entre os quilombolas e os sistemas especialistas, mecanismos que põe em prática a reflexividade comunitária, e potencializa a heterogeneidade de estilos para a produção cultural contemporânea; um processo que poderia ser compreendido com menos esforços, se os quilombos não estivessem condicionados à preservação da sua tradição, para seu reconhecimento, e que suscita, por rebatimento, os questionamentos acerca dos valores culturais que surgem a partir dos contatos dos quilombos com os sistemas especialistas.

As comunidades do Vale sempre mantiveram durante quase todo o tempo relações sociais e econômicas com os pequenos núcleos urbanos e regionais, mais esporadicamente com os grandes centros. Segundo informações da Agenda Socioambiental de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (2008), mesmo os locais com certo isolamento geográfico, nunca viveram descontextualizados, ora atuando como fornecedores de bens alimentícios, ora na qualidade de meeiro, de pequeno produtor e de empregado de fazendeiros, sempre um contexto permeado por relações exógenas e endógenas.

Considerações Finais

Assim, de modo geral, observa-se uma rotina cotidiana cujos mecanismos e processos culturais, no que se refere a formação de novos valores, são instigados constantemente. A ciência, tecnologia, conhecimento especializado atuam como ponte para formação de novos estilos, pensamentos e costumes, e são levados (apropriados) até a realidade concreta dos riscos da vida social quilombola. Promovem, por sua própria natureza, uma reflexividade baseada na atualização dos indivíduos para a solução de problemas permanentes, em aberto. Os sistemas especialistas seduzem o exercício de certa pluralidade de pontos de vista, em ambientes condicionados à tradição para fins de reconhecimento, onde é maior a mediação entre as pessoas e sua etnia original; sem que estes ambientes se acabem. Trata-se de estratégias culturais que, supõem-se, tornam o multiculturalismo possível e cabe a este trabalho perceber estas estratégias.

O conhecimento especialista revela-se imbricado na vida cotidiana quilombola, e funciona como mecanismos de confiança (ou desconfiança), que pode orientar comportamentos, valores e escolhas e envolver profunda simbiose entre cultura tradicional e

contemporânea. As escolhas associam-se no processo de provimento de segurança e defesa contra as ameaças da vida cotidiana, e são capazes de reproduzir social e culturalmente comunidades étnicas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma História do Negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural dos Palmares, 2006.

ALONSO, Angela. **As teorias dos Movimentos Sociais: um Balanço do Debate**. In Revista Lua Nova 76. São Paulo: EDUSP, 2009, pp 49-86.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. **Modernização Reflexiva - Política Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. Tradução Magda Lopes. 2º Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. **Dicionário Crítico de Sociologia**. Tradução Maria Letícia Guedes Alcofarado e Durval Ártico. São Paulo: Ática S.A, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito - Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unespe, 1991.

LIFSCHITZ, Javier. **Neocomunidades: reconstruções de territórios e saberes**. In Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 38, Julho-Dezembro de 2006, p.67-85.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press (1996).